

# Social Sciences, Complexity and Sociology of the Present in

Fagner Torres de Franca

*Received: 15 December 2018 Accepted: 1 January 2019 Published: 15 January 2019*

---

## Abstract

The article intends to revisit the contribution of the french thinker Edgar Morin (1921-) to the construction of a plural and open method of research in Social Sciences. We will have as theoretical-epistemological basis the sociology of the present, an approach of social phenomena developed by the author during three decades, from the 1940s to the 1970s, constituting the matrix of complex thinking. The present work defends the idea that the central categories of the present sociology, such as phenomenon, crisis and event, as well as the so-called living method of empirical research are still fundamental today in the sense of proposing an opening of the social sciences to phenomena increasingly more complex and multidimensional. This presupposes the researcher's subjective and objective engagement, narrative ability, and sensitivity to grasp revealing detail.

---

**Index terms**— edgar morin; sociology of the present; social sciences.

a uma concepção disciplinar e fragmentada de ciência, desenvolvendo uma epistemologia de base complexa com o objetivo de articular as diversas áreas de conhecimento. Antes de delinear sua teoria da complexidade, a partir de meados da década de 1970, Morin aventurou-se pelo que chamou de sociologia do presente, embrião do pensamento complexo, no intuito de estabelecer comunicações entre as várias dimensões intrínsecas ao mundo da vida (econômicas, sociais, comunicacionais, demográficas, mitológicas).

Desde os anos 1940, quando inicia sua vida intelectual escrevendo para os jornais do Partido Comunista Francês (de onde seria expulso após a segunda-guerra), até hoje, embora tenha escrito sobre múltiplos temas, sua preocupação parece ter sido uma só: elaborar vias de abordagens da realidade capazes de enfrentar fenômenos sociais cada vez mais complexos e multidimensionais, para os quais o velho instrumental teórico da sociologia dominante mostrava-se crescentemente obsoleto, mais notadamente a partir dos acontecimentos de 1968 (TACUSSEL, 2002, MORIN, 2006). Nada mudou. Os fatos hoje continuam a desafiar o olhar muitas vezes atônito dos observadores sociais. Por isso faz-se necessário um retorno à sociologia do presente e à complexidade no sentido de propor uma concepção reformada de sociologia.

## 1 II. Um Mestre da Indisciplina

Edgar Morin nasceu em Paris no dia 8 de julho de 1921. Francês judeu de origem sefardita, formou-se em direito, história e geografia, mas dedicou a vida aos estudos em sociologia, antropologia, educação, filosofia e epistemologia. Devido ao trânsito constante entre os saberes disciplinares, contrabandeando ideias e borrando fronteiras, tornou-se um pensador de difícil classificação. Integrou as fileiras da resistência francesa contra a invasão alemã e no ano seguinte ao fim do conflito viaja ao país vizinho para escrever um livro de conjuntura, O ano zero da Alemanha (2009), publicado originalmente em 1946, seu primeiro trabalho nos marcos daquilo que posteriormente chamaria de sociologia do presente.

O estudo sobre a Alemanha não era de conteúdo antialemão ou revanchista. Pelo contrário, rejeitava a ideia de culpabilidade em benefício da noção de responsabilidade que o novo Estado alemão deveria assumir com a nação e o mundo no pós-guerra. Tratava-se de tentar entender como foi possível um país tão intelectualmente desenvolvido ter arrastado o mundo à determinada situação de horror e o que poderia ser feito no sentido de evitar tragédias futuras. Portanto, é um livro não apenas de diagnóstico, mas também de prognóstico, de acordo com os dois principais imperativos da sociologia do presente, quais sejam, interrogar um acontecimento imprevisível e constatar o que ele revela e inova.

46 Talvez motivado por suas incursões no mundo do jornalismo, aliadas a seu interesse por comunicação e  
47 sociologia, Morin tenha desenvolvido, primeiro intuitivamente, depois sistematicamente, um método de pesquisa  
48 dos fenômenos sociais cujo desafio era compreender e narrar um fato no calor do instante, mas para além dele.  
49 E não um fato qualquer, como no jornalismo cotidiano, mas um acontecimento no sentido forte do termo, de  
50 caráter modificador, que responde a uma crise e carrega a potência de uma outra possibilidade.

51 Foi assim com O ano zero da Alemanha (2009) e outros ensaios, entre eles O homem e a morte (1988),  
52 publicado em 1951; O cinema ou homem imaginário (1970), de 1956, que parte do cinema para chegar às raízes  
53 de uma antropologia fundamental; As estrelas: mito e sedução no cinema (1989), de 1957, relacionado mitos  
54 antigos e modernos; Crônica de um verão ??1961), filme-manifesto escrito e dirigido em parceria com o cineasta  
55 e etnólogo francês Jean Rouch; Cultura de massa no século XX -Neurose (2011), volume 1, de 1962; Commune  
56 em France: la métamorphose de ??lozévet (1967), seu mais completo e importante trabalho elaborado no registro  
57 da sociologia do presente, a partir de um estudo transdisciplinar sobre o processo de modernização em uma  
58 comunidade de pescadores; Maio de 68: a brecha (2018), redigido em parceria com os amigos Claude Lefort e  
59 Cornelius Castoriadis no mesmo ano de 1968; La rumeur d'Orléans ??1969), sobre a circulação de um boato  
60 acerca de supostos crimes cometidos por comerciantes judeus contra mulheres francesas no interior de suas lojas;  
61 e, finalmente, Cultura de massas no século XX -Necrose (2006), volume 2, concluído e publicado em 1975, uma  
62 espécie de balanço final da sociologia do presente, da cultura de massas e da crise cultural.

63 A partir da década de 1970 há no pensamento de Edgar Morin o que poderíamos chamar de uma virada  
64 epistemológica em direção a uma sociologia do conhecimento. Seu livro de 1973, intitulado O paradigma perdido:  
65 a natureza humana (1977) é um deslocamento acentuado em direção a uma epistemologia complexa das ciências  
66 sociais em detrimento de análises fenomenológicas mais factuais e com metodologias de pesquisa de campo bem  
67 delineadas. Com esse livro Morin anuncia a redação de seu projeto mais ambicioso, considerado sua obra máxima,  
68 O método, construído em seis volumes durante quase 30 anos, entre 1977 e 2004. É a culminância de um modelo  
69 de pesquisa transdisciplinar desenvolvido desde a sociologia do presente.

## 70 2 III. Pensador Das Margens e do Desvio

71 Antes de explicitarmos as bases para uma ciência social complexa, urge o registro sobre a marginalidade presente  
72 nas referências sociológicas no Brasil e, particularmente, na França sobre a produção teórico-epistemológica de  
73 Morin. ??oggero (2008, pag.192) chama a atenção sobre sua marginalização e falta de reconhecimento pela  
74 sociologia francesa. Diz ele: "Em um livro cujo objetivo é desvendar o lugar da sociologia francesa em 2000,  
75 vemos o nome de Edgar Morin citado apenas uma vez, restrito ao primeiro volume, quando quatro dos seis  
76 volumes definitivos já haviam sido escritos até aquela data". 1 É preciso dizer que se as ciências sociais e, em  
77 especial a sociologia, ignoram Eu ainda não havia incorporado as palavras 'método' e 'complexidade', mas sabia  
78 que era necessário ter uma visão poliscópica, múltipla, de meu tema. Eu queria conhecer as diferentes atitudes  
79 humanas diante da morte. Devorei obras de etnologia e antropologia, explorei todas as ciências humanas, as  
80 ciências da vida, as filosofias.

81 Noutra direção, constatamos a marginalidade por uma espécie de exílio cognitivo imposto ao pensamento  
82 moriniano a partir de um modelo de ciências sociais hegemônico. Em particular um pensamento sociológico que  
83 tem secundarizado as questões epistemológicas ou reflexivas em nome de um empiricismo pretensamente portador  
84 de objetividade científica. Em Sociologia (1998), ainda não traduzido no Brasil, o autor chama a atenção para  
85 a necessidade de uma "sociologia da sociologia" e para um "direito à reflexão". Isto é, uma disciplina que reflita  
86 sobre suas bases teóricas e objetos pesquisados a partir de uma dimensão multidimensional. Para isso, diz Morin,  
87 deve levar em conta "o duplo objeto da sociologia da sociologia." Temos agora de abordar o duplo problema  
88 do objeto da sociologia. Com efeito: 1) O conhecimento sociológico é um conhecimento com uma pretensão ou  
89 alcance científico que, por conseguinte, deriva do conhecimento científico, o qual por sua vez deriva da sociologia  
90 do conhecimento (e assim por diante); 2) A sociologia é uma coisa particular nas suas atividades e instituições,  
91 que tenta englobar a sociedade no seu conhecimento ??MORIN, 1998, pag. 36-37).

92 Assim, a tentativa sísifa moriniana é fazer com que o conhecimento sociológico mantenha uma soberania  
93 reflexiva diferenciando-se, portanto, de concepções teóricas que o percebem como resultante de determinações  
94 culturais, sociais e históricas. Concebido desta maneira, o conhecimento sociológico perde sua capacidade de  
95 autonomia reflexiva e, também, sua objetividade e capacidade inventiva para novas descobertas e novas verdades.  
96 Esta visão, obviamente, é herdeira do determinismo clássico e que continua fortemente influente a partir de  
97 pensamento contemporâneo. Assegura Morin que esse "É o ponto de vista que exprimem as concepções de Bloor  
98 ou Bourdieu, como as de uma vulgata marxista, que faz da ciência uma ideologia." ??MORIN, 1998, pag. 37) Ao  
99 não priorizar pensar ou conhecer sobre o conhecimento produzido e suas implicações metodológicas, a sociologia  
100 esvazia-se de pensamento. Concordando com Marx em sua terceira tese sobre Fierbach, quando se perguntou  
101 sobre "quem educa os

## 102 3 IV. O Direito à Reflexão

103 , Edgar Morin tem se dedicado em suas obras a pensar sobre o conhecimento do conhecimento. Tal como Marx,  
104 tem se preocupado em uma reforma do pensamento, pois para ele as ideias se constituem em forças próprias  
105 imaginariamente e agem sobre as ações dos sujeitos e, em especial, dos pesquisadores e educadores. Por esta

106 razão, a categoria do homem genérico de Marx (2010) sempre tem sido fundamento. Para Morin (2010c), a noção  
107 de homem-genérico não se relaciona apenas ao gênero humano, mas ao que é capaz de gerar aptidões a todas  
108 as características e às qualidades humanas que se manifestem na história. Relaciona-se, ainda, a inúmeras  
109 outras virtualidades ainda não realizadas ou ao mundo do possível. Portanto, da ordem da multiplicidade e do  
110 inacabamento.

111 Torna-se impossível a renovação da sociologia sem que ela priorize os pressupostos reflexivos e multidimen-  
112 sionais, anunciados anteriormente. Constatase, assim, a necessidade de que uma das tarefas de pensadores,  
113 professores e pesquisadores das ciências sociais é se colocarem questões cognitivas sobre questões de Método 6  
114 A noção de complexidade começou a me possuir ao mesmo tempo como obstáculo e via de elucidação. A . Em  
115 L'aventure de La Methode (2015b), Morin resume sua trajetória reflexiva, investigações e descobertas a partir de  
116 quatro eixos fundamentais: 1. O mundo físico, no qual advoga a necessidade de conceber o mundo não mais como  
117 parte de uma ordem determinista, mas, ao contrário, o concebe como a dialética ordem-desordem-organização  
118 como uma relação entre interações e retroações; 2. O mundo vivo, em que não faz sentido a disjunção do  
119 homem biológico do homem cultural e nem a separação entre cérebro e espírito; 3. A transdisciplinaridade, que  
120 torna possível a religação entre os mais diversos saberes rompendo, assim, com a fragmentação ou compartimentos  
121 disciplinares do pensamento; e 4. O conhecimento, que se constitui no eixo primordial das elaborações morinianas.  
122 Para este eixo confluem os outros e dão sustentação epistemológica para um conhecimento complexo e para um  
123 conhecimento pertinente. Em suas palavras, 5 "A doutrina materialista da transformação das circunstâncias e  
124 da educação esquece que as circunstâncias têm de ser transformadas pelos homens e que o próprio educador tem  
125 de ser educado". In: MARX, K; ENGELS, F. A ideologia Alemã -1º capítulo -seguido das Teses sobre Feuerbach.  
126 Tradução de Sílvio Donizete Chagas. São Paulo: Centauro, 2002, p. 108. 6 Por esta razão, Morin publicou os  
127 seis volumes de O método: 1. A natureza da natureza (2013); 2. A vida da Vida (2015a); 3. O conhecimento  
128 do conhecimento (2012a); 4. As ideias. Habitat: vida, costumes, organização (2011b); 5. A humanidade da  
129 humanidade. A identidade humana (2012b); 6. A ética (2011c). palavra, extremamente difundida, trai, na  
130 linguagem corrente, uma lacuna cognitiva: a incapacidade de definir ou descrever um fenômeno ou um problema.  
131 Seria preciso conceber uma forma de pensar capaz de descrever e definir as complexidades percebidas. De  
132 fato, a palavra complexidade veio iluminar retrospectivamente minha forma de pensar, que já buscava religar  
133 os conhecimentos dispersos, enfrentar as contradições no lugar de as contornar, se esforçar por ultrapassar a  
134 alternativa entre opções julgadas inconciliáveis (MORIN, 2015b, P. 36 A sociologia do presente teve seu ponto  
135 alto em meados da década de 1960. Em 1965, Morin instala-se em uma comunidade de pescadores na comuna de  
136 Plozévet, região da Bretanha, como coordenador de uma equipe multidisciplinar destacada pelo governo francês  
137 para investigar o processo de modernização da localidade. Inicialmente, a comuna havia sido subdividida segundo  
138 as disciplinas (sociologia, antropologia, psicologia, economia), ignorando o que se passava entre elas, ou seja, o  
139 essencial. Nessa pesquisa Morin refina e reafirma suas vias de abordagens para os fenômenos multidimensionais  
140 fazendo dialogar as áreas do conhecimento no sentido de construir uma compreensão mais ampla e articulada de  
141 uma modernização simultaneamente sociológica, antropológica, técnica, econômica e psicológica.

142 O empreendimento da sociologia do presente foi paulatinamente se diluindo, nos escritos de Morin, dentro  
143 do chamado pensamento complexo, elaboração de caráter mais teórico pela qual se torna mais conhecido. Ou  
144 melhor, foi-se imbricando com ele. O primeiro está contido no segundo. É quase, pode-se dizer, sua evolução  
145 necessária do concreto ao abstrato. Percebe-se claramente, em sua obra, uma linha de continuidade, um fio  
146 condutor alinhavando seus diversos livros e períodos. Ao estudar a guerra, a morte, o cinema, os meios de  
147 comunicação de massa, a economia do estrelato, as convulsões sociais, a política internacional ou a educação  
148 Morin, na verdade, está a procura de uma via de abordagem adequada para pensar sobre uma sociedade na qual  
149 fenômenos crescentemente complexos serão dificilmente compreendidos a partir de um paradigma disciplinar e  
150 fragmentador.

151 Com exceção de Bernard Paillard, pesquisador que esteve presente durante a experiência de Plozévet, a  
152 sociologia do presente não deixou herdeiros nem outras pesquisas conhecidas, não obstante seus marcos teóricos e  
153 procedimentos de investigação terem sido bem registrados, desenvolvidos e delineados pelo autor, especialmente  
154 em seu livro Sociologia (1998), cuja terceira parte é amplamente dedicada ao tema.

155 Justifica-se o resgate da sociologia do presente na medida em que ela permite elaborar uma teoria social  
156 de base complexa e multidimensional. Ao firmar as bases de uma metodologia de pesquisa mais ampla e  
157 atenta aos movimentos da sociedade, Morin tem em mente a oposição entre uma sociologia dominante, da  
158 especialização disciplinar e das regularidades estatísticas, e uma outra sociologia mais centrada na crise, no  
159 fenômeno minoritário e no acontecimento revelador, respeitando a ideia de Marx segundo a qual "a sociedade  
160 burguesa, pelo seu próprio desenvolvimento, gera as contradições que a minam, isto é, opera simultaneamente  
161 um duplo processo de autoprodução e de autodestruição" (Morin, 2006, p. 13). Mais do que isso, aceitando a  
162 ideia de multicausalidade dos fenômenos sociais, pois "o fenômeno é ao mesmo tempo, por exemplo, geográfico-  
163 histórico-econômicosociológico-psicológico-etc." (Morin, 1998 Edgar Morin tinha 25 anos quando percorreu os  
164 escombros de uma Alemanha devastada pela guerra, em 1946, para ver in loco o que acabara de ocorrer. Chegou,  
165 a bordo de um avião militar, armado apenas de papel, caneta e duas ou três perguntas guia. Observou, tomou  
166 notas, questionou, vasculhou e reuniu material suficiente para escrever sua primeira reportagem sociológica de  
167 fôlego, depois publicada como O ano zero da Alemanha (2009). Encontrou Berlin ainda com o cano fumegante,  
168 a ponto de haver, diz ele, "recolhido no interior da chancelaria de Hitler, no meio dos documentos espalhados

169 pelo chão, cartas assinadas de próprio punho pelo Führer atribuindo condecorações a soldados alemães e de ter  
170 contemplado a agonia de seu bunker” (MORIN, 2009, p. 14). Era preciso adentrar as ruínas, conversar com a  
171 população, conhecer nazistas, não nazistas, forças aliadas, caminhar pela cidade, pesquisar, investigar, sentir no  
172 vento a densa névoa de chumbo que encobria a história. Mas, acima de tudo, era preciso relatar.

173 Acerca do mito do líder messiânico, o autor observa que, “Como fenômeno ideológico coletivo, no nazismo  
174 ocorreu a irrupção do religioso e do místico na vida política, social e econômica, uma irrupção das mais primitivas  
175 da mais supersticiosa das religiosidades” (MORIN, 2009, p. 29), em associação com um cientificismo (o mito da  
176 raça pura) igualmente delirante. Em um conjunto de entrevistas com homens e mulheres de Berlin, de todas as  
177 idades e estratos sociais, Morin constata que, às vezes mais, às vezes menos, mas “De todas as formas, e qualquer  
178 que seja o caso, a noção de raça implica sempre um julgamento de valor” (p. 54), para o bem ou para o mal.  
179 Estes e outros mitos permearam o imaginário alemão antes e após a guerra.

180 23 anos depois, já com 48 anos e mais de duas décadas de experiência acumulada em pesquisa, tendo  
181 desenvolvido e consolidado seu método sociológico, Morin e uma equipe multidisciplinar composta por outros  
182 cinco pesquisadores franceses desembarca na cidade de Orléans, cerca de 110 km ao sudoeste de Paris, para sua  
183 última aventura na sociologia do presente, financiada pela comunidade judaica local. Um boato estava tirando o  
184 sono da população. O motivo: uma fantasmagórica ameaça sexual que, de repente, em apenas alguns dias, fez  
185 (res)surgir fortemente na cidade o espectro do antissemitismo.

186 Mulheres brancas estavam desaparecendo dos provadores de roupas em seis lojas pertencentes a judeus. Eram  
187 atacadas com uma seringa contendo sedativo e transportadas com destino ao mercado de prostituição estrangeiro  
188 em país desconhecido.

189 Um pânico medieval acomete milhares de moradores locais sem que a polícia ou a imprensa tenha recebido  
190 uma única denúncia sequer. Trata-se de um boato em estado puro, pois nenhum desaparecimento foi registrado  
191 e não houve interferência dos jornais para a proliferação das informações. O rumor, de origem ancestral, era na  
192 verdade uma combinação de duas temáticas distintas, envolvendo tráfico de mulheres e aversão aos judeus. Tal  
193 associação constituiu, segundo conclusão de Morin (1969) após intensa investigação, um dispositivo mitológico  
194 de dupla face cujo desenvolvimento transformou as latências antissemitas arcaicas em virulência.

195 A isso Morin chamou de “idade média moderna” (1969, p. 10), ou seja, há algo de arcaico que persiste naquilo  
196 que aparenta ser o verniz mais sofisticado de nossas relações sociais; mas também de moderno, pois ambas as  
197 temáticas (escravidão sexual e antissemitismo) habitam e seduzem o imaginário social há séculos, reaparecendo  
198 de tempos em tempos, com novas roupagens, graças também à mídia de massa e ao processo de modernização.  
199 Não por acaso o mito é transportado para o cenário dos grandes magazines, que marcam uma virada no estilo  
200 de vida, no comportamento e nos valores de emancipação do universo feminino no contexto da cidade moderna  
201 (MORIN, 1969, p. 57 et seq).

202 Portanto, o nazismo e o boato de Orléans são fenômenos mobilizados também pela categoria do acontecimento,  
203 entendida, antes de tudo, como uma informação que irrompe tanto no sistema social, intervindo de maneira  
204 múltipla e decisiva na história humana (uma catástrofe climática, uma invasão estrangeira, um golpe de estado, a  
205 irrupção de uma revolta, um aparentemente simples boato), quanto no sistema mental do sociólogo (reorientando  
206 seu esquema cognitivo) 7 A sociologia do presente configura-se, assim, em uma sociologia dos acontecimentos (ou  
207 ciência do acontecimento) e uma ciência do devir (MORIN, 2014), na medida em que está atenta aos fenômenos  
208 minoritários capazes de apontar e/ou promover reorganizações sociais. A noção de acontecimento designa,  
209 portanto, o que é da ordem do “improvável, acidental, aleatório, singular, concreto, histórico” (Id., p. 250).  
210 Abrange ainda os circuitos comunicacionais, dentro dos quais se processam os acontecimentos, como demonstra  
211 o caso de Orléans ou das narrativas míticas acerca do salvador messiânico. Em Sociologia (1998), Morin faz  
212 referência aos acontecimentos-choque como aqueles que, diferentemente de um boato de circulação restrita, por  
213 exemplo, irrompem fortemente, de forma generalizada e, hoje em dia, quase imediata no universo imaginário de  
214 uma comunidade simbólica cada vez mais ampla.

215 O assassinato do presidente dos Estados Unidos da América John Fitzgerald Kennedy, em 22 de novembro  
216 de 1963, foi um destes acontecimentos que chocaram o mundo, uma “teletragédia planetária” (MORIN, 1998, p.  
217 312 et seq.) vivida quase simultaneamente por todo o planeta, captada por milhares de testemunhas oculares da  
218 história. “A televisão apanhou o acontecimento com um pouco mais de uma hora de atraso sobre o assassinio.  
219 Agarrou-o quase de imediato, nunca mais largando o acontecimento” (p. 312). E, por meio da internet, podemos  
220 revivê-lo a qualquer momento. Em Cultura de massas no século XX: vol. 2. Necrose (2006), Morin fará referência  
221 ao acontecimento-informação (p. 28), cujo princípio é ser destruturante.

222 Fenômeno e acontecimento se encontram, pois Morin (1998) procura observar o assassinato de Kennedy  
223 em seu caráter multidimensional e transdisciplinar, a partir de seus vários ângulos, tentando isolar relativa e  
224 arbitrariamente alguns vetores considerados mais importantes. Primeiro, a comoção. A morte de Kennedy foi  
225 um golpe no tecido político e vital dos EUA e além. Calou fundo no coração de milhões de pessoas, compatriotas  
226 ou não. Uma tragédia ao mesmo tempo infra-política, extra-política e suprapolítica. Segundo, mergulhou da vida  
227 real para as cavernas do romance policial, despertando ainda hoje curiosidades acerca de teorias conspiratórias.  
228 Terceiro, sua telepresença. JFK detinha não apenas o cargo de líder máximo da maior potencial econômica  
229 mundial, mas era também um verdadeiro olimpiano, figura de destaque do star system. Havia algo de mitológico  
230 em sua imagem de felicidade, sempre em evidência: como primeiro presidente “jovem, belo, aberto, simpático;

231 como o feliz esposo de uma bela cover-presidente; como o pai feliz de uns filhos belos e espertos” (p. 313).  
232 Kennedy e sua família não saíam dos noticiários.

233 Por fim, a sociologia do presente é também uma sociologia da crise, a ponto de Morin (1998) ter desenvolvido  
234 de forma embrionária uma espécie de crisiologia ou teoria da crise. Fenômeno, acontecimento e crise são noções  
235 recursivas, inseparáveis, imantadas. Para uma sociologia não preocupada em concentrar todos os seus recursos  
236 nas médias estatísticas ou nas amostras representativas, as crises constituem fonte de extrema riqueza. Crises  
237 são placas tectônicas subterrâneas cujo atrito provoca as movimentações na superfície. A parte invisível só pode  
238 ser acessada adequadamente por meio de estudo aprofundado. Nas cinco entradas feitas por Morin (2006) para  
239 apresentar a noção de crise, vale a pena destacar a última (letra e), na medida em que traz um bom resumo  
240 da ideia: a crise reúne, de modo turvo e perturbador, repulsivo e atraente, o caráter acidental (contingente,  
241 circunstancial), o caráter de necessidade (ativando as realidades mais profundas, as menos conscientes, as mais  
242 determinantes) e o caráter conflitual. É aqui que entramos necessariamente em oposição a uma sociologia  
243 mecanística, normalizadora, que eliminaria a perturbação e o desequilíbrio (p. 29, grifo do autor).

244 A crise é o magma, a lava, o subsolo, o subjacente, a infraestrutura, o latente, o inconsciente. Ainda em Maio  
245 de 68, em meio ao fogo cruzado, participando corpo a corpo nos acontecimentos trepidantes (correndo o sério  
246 risco de elaborar interpretações apressadas e equivocadas acerca dos eventos), Morin (2014) redigiu uma série de  
247 artigos para o *Le Monde* sobre as revoltas que mobilizaram estudantes e operários franceses em barricadas pelas  
248 ruas do país há meio século. No mesmo ano os artigos foram publicados no livro *Maio de 68: a brecha* (2018), em  
249 parceria com Claude Lefort e Cornelius Castoriadis, até hoje uma das contribuições mais originais para aquele  
250 momento decisivo na história mundial.

251 Maio de 68 é uma ocasião privilegiada não apenas para compreender as transformações do espírito do tempo,  
252 mas um momento fecundo para questionar o próprio fazer sociológico. Segundo Morin (2018), durante os eventos  
253 dois tipos de interpretação se digladiam. A primeira, herdeira de uma tradição clássica, afeita aos dados,  
254 amostragens e em outras palavras, tratava-se de elaborar uma interpretação em profundidade de uma crise  
255 a partir do estudo do fenômeno desencadeado pelo acontecimento. O que ele revela para além da produção  
256 apressada de números e opiniões nem sempre refletidas? Fundamentalmente, ontem como hoje, é preciso romper  
257 com as interpretações binárias e os modelos simplificadores de pensamento capazes de interditar a complexidade  
258 mesma do movimento da sociedade.

259 Em sua multidimensionalidade, Maio de 68 é o resultado complexo, ambíguo e heterogêneo, integrador e  
260 desintegrador, arcaico e anunciador, de uma crise ao mesmo tempo política, de valores, de um modelo de  
261 organização social questionado em grande parte pela ascensão de uma nova classe etária adolescente que surge  
262 no espaço público a partir da década de 1960, na esteira da proliferação da cultura de massas e de uma sociedade  
263 de consumo voltada ao crescimento, mas cujo ideal de felicidade entrava em crise de legitimação. Uma sociologia  
264 do presente necessita preservar, enfrentar, articular e operacionalizar as três categorias vistas acima. Não é uma  
265 confirmação a posteriori das teorias colocadas a priori. Pelo contrário, é preciso estar aberto à informação, vista  
266 como o elemento desorganizador de uma determinada realidade, portanto, capaz de furar os esquemas explicativo  
267 pré-definidos. “O mais importante é o mais surpreendente e paradoxal, aquilo que dificilmente é explicável com  
268 os conceitos de que dispomos” (MORIN; LEFORT; CASTORIADIS, 2018, p. 217), diz o autor. É no sentido de  
269 seguir de perto os fenômenos sociais de ordem complexa que Morin elaborou, além das categorias acima elencadas,  
270 vias de abordagem metodológicas chamadas por ele de método in vivo -ou simplesmente método vivo.

## 271 4 VII. Sobre o Método Vivo

272 Em 1960 Edgar Morin realiza uma experiência radicalmente inovadora de sociologia do presente por se propor  
273 a fazê-la por meio do cinema. *Crônica de um verão* (1961), realizado em parceria com Jean Rouch, funda  
274 uma discursividade cinematográfica chamada pelos seus idealizadores de cinema-verdade, um cinema capaz  
275 de percorrer fenômenos, provocar acontecimentos e revelar crises. O filme é uma forma de experimentar  
276 empiricamente os princípios e vias de abordagens da realidade norteadores de seu método de pesquisa sociológico.  
277 Mesmo tendo escrito anteriormente outros livros nos marcos de uma sociologia do presente, esta é a segunda vez  
278 (a outra foi na Alemanha, em 1946) que Morin vai a campo aplicar suas técnicas de pesquisa. No que consiste o  
279 método vivo?

280 Trata-se de um método de investigação capaz de favorecer a emergência dos dados concretos e a apreensão das  
281 diversas dimensões do fenômeno estudado recorrendo a diferentes tipos de abordagens, como pesquisa documental,  
282 observação fenomenográfica, anotações, registro de discussões, entrevistas, questionários, construção de narrativas  
283 e participação em atividades de grupos, chamadas de “práxis social” (MORIN, 1998, p. 171-172) particular e  
284 universal, capaz de contextualizar a informação e integrá-la ao todo do universo pesquisado. Por isso o pesquisador  
285 deve atuar por vezes como Balzac, em sua descrição enciclopédica da realidade, por vezes como Stendhal, atento  
286 ao detalhe significativo, estratégias narrativas fundamentais que devem ser exercitadas para ativar o “sentido  
287 perceptivo”, atualmente “tão atrofiado nos sociólogos que se fiam no questionário, no gravador ou, pelo contrário,  
288 na simples especulação, que é preciso aprender a ver os rostos, os gestos, as roupas, os objetos, as paisagens, as  
289 casas, os caminhos” (MORIN, 1998, p. 172). Junte-se a isso uma cuidadosa elaboração de anotações, registros  
290 de discussões, impressões e cadernos de campo. Mais da metade do livro *La rumeur d’Orléans* (MORIN, 1969)  
291 é dedicada a reproduzir os diários pessoais dos pesquisadores e documentos coletados durante o processo de  
292 investigação.

293 O segundo passo multidimensional fundamental para a pesquisa são as entrevistas. Sumariamente falando, uma  
294 entrevista é caracterizada como uma comunicação pessoal para fins informativos. Mas há algo nesse processo mais  
295 importante que a informação, a saber, o fenômeno psicoafetivo constituído pela própria comunicação, na medida  
296 em que a palavra constitui-se na fonte mais duvidosa e ao mesmo tempo mais rica de todas. Tal fenômeno pode  
297 suscitar pequenos acontecimentos comunicacionais capazes de provocar modificações e revelações fundamentais  
298 no decorrer da pesquisa. É nesse sentido que, dentre os tipos possíveis de entrevistas, a sociologia do presente  
299 privilegia a entrevista não diretiva (MORIN, 1998).

300 Em geral, uma pessoa entrevistada orienta-se por dois desejos em conflito: expressar-se e ao mesmo tempo  
301 proteger-se. O objetivo da entrevista não diretiva é "quebrar o sistema de defesa do sujeito pela necessidade de  
302 se exprimir do próprio sujeito" (MORIN, 1998, p. 188, grifo do autor). Isso depende da relação de confiança  
303 mútua que o pesquisador necessita estabelecer com o entrevistado, além "da disciplina do entrevistador relativa ao  
304 não-comentário e à nãointervenção, da disponibilidade empática" (p. 188), princípios tão ausentes na sociologia  
305 quanto no jornalismo.

306 Daí a importância da criação de vínculos entre uns e outros. Por esse motivo, tanto em 1965, no caso de  
307 Plozévet, quanto em 1969, em Orléans, a exigência de Morin para que a equipe se instale nas regiões pesquisadas,  
308 se possível, na casa dos próprios moradores, participando da dinâmica local. Bernard Paillard, parceiro de Morin  
309 nos dois momentos fundamentais da sociologia do presente, narra sua experiência em Plozévet, no pequeno vilarejo  
310 de Kermeuguy. Diz ele: "participava da vida local e, por vezes, do trabalho de campo, vivia na companhia dos  
311 jovens, freqüentava os espaços de sociabilidade e hospedava-me na casa de um dos moradores" (PAILLARD,  
312 2008, p. 24).

313 Crônica de um verão (1961) segue a mesma proposta, um filme construído quase que totalmente por meio de  
314 entrevistas não diretivas. A partir de uma pergunta-tema ("você é feliz?") feita aleatoriamente aos transeuntes  
315 nas ruas de Paris, os autores passam a estruturar um núcleo menor de participantes no intuito de aprofundar  
316 as questões suscitadas pelas respostas. Há nesse filme, diz Morin (2010), a busca de uma comunicação errática  
317 e oblíqua. Buscar alguma coisa exige método, saber o que, onde e como procurar. Por isso não se trata de um  
318 diálogo livre, entregue à improvisação da conversa. Exige destreza e certa objetividade do entrevistador para  
319 lidar com as subjetividades em erupção.

320 O núcleo do filme cristaliza-se porque as questões que cada um de seus participantes suscita não estão  
321 relacionadas simplesmente ao excepcional particular, ao raro e episódico, mas são a manifestação, no plano  
322 individual, de problemas profundos e gerais: "os do trabalho alienado, da dificuldade de viver, da solidão e da  
323 busca de uma fé" (MORIN, 2010a, p. 161). E isso levanta o difícil problema da verdade, pois o próprio caráter da  
324 palavra é movediço. A sociologia do presente deve incorporar uma vocação simultaneamente científica e ensaística.  
325 Deve propor uma narrativa capaz de apontar caminhos possíveis para a interpretação de um fenômeno social.  
326 Portanto, é uma sociologia capaz de assumir a dimensão de incompletude e inacabamento da realidade. Em  
327 Crônica de um verão (1961) a verdade é sempre provisória. Trata-se de uma verdade possível, que relaciona cada  
328 narrativa singular com o drama compartilhado pela experiência do grupo.

329 O terceiro passo multidimensional importante para uma sociologia do presente consiste em articular uma  
330 dinâmica de trabalho envolvendo não apenas os indivíduos, mas também os grupos, um processo denominado  
331 por Morin de "praxis social", isto é, tornar-se atento "à realidade e à ação dos grupos sociais" (MORIN, 1998,  
332 p. 174). Ao exigir do pesquisador um olhar que transita entre o geral e o particular, solicitando uma visão  
333 ao mesmo tempo panorâmica e analítica, a sociologia do presente, afirma Almeida (2012, p. 113), desativa a  
334 oposição clássica entre micro e macropesquisas.

335 Nesse sentido, Morin (1998) procura localizar o indivíduo em um grupo e um grupo entre outros grupos. Em  
336 suas palavras, com a sociologia do presente, Podemos apreender os grupos não só de maneira indireta (através  
337 dos meios de investigação acima citados) mas também diretamente, quando era possível, ao nível das associações  
338 profissionais, políticas, ideológicas, confessionais e outras. Esforçamo-nos por situar estes agrupamentos em  
339 relação às classes sociais e às classes etárias. Tentamos ver os conflitos e tensões determinados pela sua vida ativa  
340 (p. 174).

341 Na investigação sobre Plozévet pode-se observar claramente o movimento pendular que oscila entre o macro e  
342 a micro, Balzac e Stendhal, a ciência e o ensaio, o rigor investigativo e a criação narrativa. La métamorphose de  
343 Plozevet (1967) inicia com uma descrição quase poética da região de Plozévet, sua paisagem geografia, passa pelo  
344 estudo da personalidade do habitante local, estende-se para a formação dos grupos (pescadores e industriários,  
345 jovens e velhos, mulheres e homens, partidários da esquerda e da direita) até chegar ao processo de modernização,  
346 tema central da pesquisa. Lá, diz Morin, "encontrei os traços de uma grandiosa luta entre dois mundos, encontrei  
347 as grandes correntes do tempo, os grandes problemas do homem, mas sempre encarnados nos rostos, nos olhares  
348 e nos destinos insubstituíveis" (1967, p. 12-13, tradução nossa).

349 A praxis social prevê também não apenas a observação, mas a participação e mesmo a intervenção em atividades  
350 dos grupos. Tal método de participação e intervenção foi utilizado, de modo semelhante, tanto em Plozévet quanto  
351 em Crônica de um verão ??1961). Neste último caso em particular, faz parte da sequência final do filme a exibição,  
352 seguida de debate, das atuações dos personagens para eles próprios, debate que integra a versão final de película.  
353 A situação provocada gera desentendimentos e acusações, em geral acerca da falsa imagem apresentada por  
354 uns e outros, mas também entendimentos e empatias. No próprio processo de condução dos diálogos durante as  
355 filmagens, a participação dos diretores em cena (com o objetivo de marcar a ideia da intervenção) é constante. Eis

---

356 os princípios da intervenção-pesquisa: Por fim, a praxis social está atenta às dinâmicas de trabalho estabelecidas  
357 entre os próprios pesquisadores, consubstanciadas no que o autor classifica de "autodesenvolvimento progressivo  
358 do sistema de interpretação" (1967, p.8), por meio das confrontações entre os dados dos pesquisadores e trocas dos  
359 diários de pesquisa redigidos por cada um, permitindo a autorregulação do grupo e a autocorreção das estratégias  
360 investigativas. Morin escreve, em *La rumeur d'Orléans* (1969, p. 13), que "Se nosso trabalho de campo foi tão  
361 fecundo em um tempo extraordinariamente curto, isso se deve à intercomunicação incessante das descobertas e  
362 à discussão quase permanente". Trata-se, portanto, de um intenso processo de intercomunicação, autocrítica,  
363 avaliação permanente e participação afetiva capaz de coordenar e otimizar os trabalhos da equipe.

## 364 5 VIII. Conclusão

365 O objetivo da sociologia do presente é problematizar as ciências sociais a partir de uma reforma do pensamento  
366 sociológico, capaz de associar uma cientificidade não mutilante, fechada e disciplinar a uma não apenas às médias  
367 e regularidades estatísticas, mas aberta também aos acontecimentos e aos fenômenos minoritários reveladores de  
368 tendências-, a uma possibilidade de conhecimento não estritamente científico. Importa restabelecer comunicações  
369 e articulações tanto com as outras ciências humanas quanto com a arte.

370 Trata-se, portanto, de pensar um outro sujeito de pesquisa cujo saber e formação possam aliar explicação  
371 (como aquele que permite a um sujeito conhecer um objeto enquanto objeto) e compreensão (sendo tudo o que  
372 permite conhecer um sujeito enquanto sujeito). Nesse sentido, é imprescindível abrir o pensamento sociológico  
373 sobre a literatura. O romance é um modo de conhecimento com potencial de retotalizar o universal a partir do  
374 singular concreto. Morin (1998) propõe que o conhecimento sociológico não se resume ao conhecimento científico  
375 stricto sensu, mas integra múltiplos modos cognitivos.

376 Nesse sentido, o sociólogo deve pensar-se para além do profissional habilitado a manejar um instrumental  
377 teórico-científico impessoal e anônimo capaz de revelar o que se esconde por traz das aparências dos comporta-  
378 mentos sociais, mas deve colocar-se também como autor, ou seja, um sujeito implicado na pesquisa que desenvolve  
379 um pensamento singular e uma narrativa pessoal sobre determinado tema, mobilizando sua consciência e sua  
380 reflexão de humano e cidadão. <sup>1 2 3</sup>

---

<sup>1</sup>© 2019 Global Journals

<sup>2</sup>em plena expansão, crescimento, desenvolvimento" (MORIN, 2006, p. 23), deparando-se com seus limites metodológicos e explicativos.

<sup>3</sup>( C )

pensador marginal nas ciências sociais. Marginal pela singularidade da obra e escolhas éticas do autor por um lado e, por outro, pela força hegemônica de um tipo de ciência social produzido há décadas. Algumas passagens de sua trajetória são relevantes para melhor compreensão desta prática e condição de ação na marginália. Uma delas diz respeito a sua escolha de não fazer carreira profissional no mundo universitário,

Tal realidade nos revela a condição de um

embora tenha recebido 27 títulos de Doutor Honoris Causa em universidades do mundo inteiro. Sua entrada

(...) por sugestão de Georges Friedmann que eu conhecera em Toulouse e que dirigia o Centro de Estudos Sociológicos, no bulevar Arago, solicitei minha alocação na categoria de pesquisador no CNRS. Os pareceres favoráveis de Maurice Merleau-Ponty, Vladimir Jankélévitch e Pierre Georges ajudaram na aprovação

---

atos e valores dominantes e, do outro lado, tornarem-se filósofos legisladores. Só eles, diz Nietzsche, merecem o título de filósofos.

Ora, se os filósofos devem ser os legisladores voltados para o devir e não simples professores de filosofia, é porque seus papéis não podem ser reduzidos a interpretação e a fixação de valores passados. Para Nietzsche,

Os filósofos verdadeiros são aqueles que comandam e legislam: eles dizem 'será assim'! eles determinam em

primeiro lugar o para onde? (Wohin) E para o que fazer?

(Wozu) do homem e dispõe nesta ocasião do trabalho preparatório de todos trabalhadores filosóficos, de todos aqueles que se tornaram mestres do passado, -eles estendem uma mão criativa para se amparar no futuro e em tudo o que se coloca diante dele como meio, instrumento, martelo. Seu conhecer é criar, seu criar é

-37,  
grifo  
do  
autor,  
tradução  
nossa).  
Como  
episte-  
mológ-  
ica  
anun-  
ciada  
acima,  
é  
impor-  
tante  
ressaltar  
ampli-  
ação  
da per-  
spec-  
tiva  
que a  
liter-  
atura,  
tam-  
bém,  
sempre  
se fez  
pre-  
sente  
na  
obra e  
vida de  
Morin.  
Em  
Meus  
Demônios  
(2010b),  
sobre-  
tudo,  
ele  
afirma  
que a  
liter-  
atura é  
antena

abordar o problema primordial da mudança para além da realidade social dos sistemas equilibrados, que devem ser concebidos, segundo a expressão de Max Weber, como 'racionalizações utópicas', instrumentos cômodos que não se devem considerar como 'modelos verdadeiros' da realidade social: esta é, antes de mais, funcional-disfuncional pseudomodelos. É constituída por uma dialética permanente entre as tendências para a constituição de sistemas desequilibradoras (MORIN, 1998, p. 166).

46

Volume XIX Issue VI Version I  
( C )

[Note: 7 Como fica claro na seguinte afirmação, em *Cultura de massas no século XX: vol. 2. Necrose: "Da mesma maneira que a sociedade de que ela era o olhar (o espelho?), a sociologia foi atingida pelo Maio de . O acontecimento torna possível]*

Figure 3:

---

questionários. E uma outra que tenta pensar não a partir das regularidades estatísticas e limites disciplinares, mas de situações extremas que podem desempenhar papel revelador de uma profunda crise social. Morin (2006) acredita que a sociologia dominante não estava apta a apreender a crise de Maio, e por isso precisava se reinventar. De fato, diz ele,

Só se pode compreender Maio de 1968 se levarem em consideração outras técnicas de pesquisa que não o questionário por amostragem que domina (dominava?) a sociologia e que, incapaz de cavar por baixo da crosta superficial das opiniões, era incapaz de prever o que estava latente ou brotava, ou de ver e conceber os dinamismos e as rupturas. Só se pode compreender o Maio de 1968 se se procura ficar acima e além do saber disciplinar parcelado, tentando reunir um corpo teórico de hipóteses para abarcar e estruturar o fenômeno. [...] a atenção dedicada ao fenômeno, ao acontecimento, à crise conduz não ao enfraquecimento, mas ao reforço da exigência teórica (2006, p. 25-26, grifo nosso).

	Year
	2019
	47
	Volume
	XIX
	Issue
	VI
	Ver-
	sion
	I
	( C )
	Global
	Jour-
	nal of
	Hu-
	man
	Social
	Sci-
	ence

Figure 4:

48

Volum

Crônica de um verão (1961) exemplifica um tipo de abordagem

XIX

Is-

sue

VI

Ver-

sion

I

( flexível, adequada para os propósitos do autor, privilegiando a entrevista e a participação nas

C

)

atividades dos grupos, enquanto O ano zero da Alemanha (2009) enfatiza as anotações, observações e pesquisa documental.

pesquisa está no cerne tanto da sociologia do presente quanto

posteriormente. Exige rigor científico (diferente de rigidez), arte e capacidade de invenção e narração. Nas palavras de Maria da Conceição de Almeida, criar vias de abordagens

é o que se espera do sujeito sensível à complexidade do tema ou fenômeno que quer conhecer, com o qual quer dialogar. Aqui, certamente, o pesquisador abre mão dos cardápios de receitas oferecidos pelos manuais de pesquisa para criar suas próprias estratégias de abordagem, seus operadores cognitivos. Produzir um conhecimento pertinente é o que se espera dele: relacionar o fragmento e o contexto, o local e o global é a arte esperada das pesquisas multidimensionais e complexas (2012, p. 115, grifo nosso).

para o desenvolvimento do método vivo, começando pela observação fenomenográfica. A observação fenomenográfica exige do sujeito sensível da pesquisa um olhar ao mesmo tempo panorâmico e analítico,

A abertura para múltiplas est

do método abordado

Enfatizemos três passos multi

Figure 5:

---

1

Pode ajudar, não pode orientar;

3) O princípio de orientação selvagem (situações-teste ou para-experimentais);

4) O princípio de socratismo psicossociológico. A intervenção deve levar os interessados a interrogar-se sobre os seus problemas principais;

5) O pesquisadores e aos pesquisados (deontologia da troca) (MORIN, 1998, p. 175, grifo nosso).

~~princípio de utilidade~~

Figure 6: 1 )



- 381 [Almeida] , M Almeida .
- 382 [Constantinidès et al. (ed.)] , Yannis Constantinidès , Nietzsche , Legislateur . BALAUDE, J-F (ed.)
- 383 [Crônica De Um Verão and Direção (ed.)] , Crônica De Um Verão , Direção . Edgar Morin e Jean Rouch.
- 384 Produção: Anatole Dauman. Roteiro: Jean Rouch. Música: Pierre Barbaud (ed.) P & B. (Rio de Janeiro:
- 385 Coleção Videofilmes, 2008. 1 DVD (85 min)
- 386 [Morin and Une Cornerie ()] , Edgar Morin , Une Cornerie . 1948. Paris: Nagel.
- 387 [Morin et al. ()] , Edgar Morin , Le La Rumeur D'orléans , Seuil . 1969. Paris.
- 388 [Morin and Diário Da ()] , Edgar Morin , China Diário Da . 2007. Sulina. Tradução de Edgard de Assis Carvalho.
- 389 Porto Alegre
- 390 [Edgar Morin Em Foco. São and Paulo ()] , Edgar Morin Em Foco. São , Paulo . 2008. Cortez.
- 391 [Morin and Ano ()] , Edgar Morin , Ano . 2009. Porto Alegre-RS, Brasil. Zero da Alemanha. Tradução de Edgard
- 392 de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Editora Sulina
- 393 [Morin et al. ()] , Edgar Morin , Meu , Caminho . 2010a. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi
- 394 Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil
- 395 [Morin and Método (ed.) ()] , Edgar Morin , Método . ética. Tradução de Juremir Machado da Silva. 4. ed. Porto
- 396 Alegre (ed.) 2011c. Sulina. 6.
- 397 [Morin et al. ()] , Edgar Morin , Diário Da Califórnia , São Paulo . 2012c. SESC/SP.
- 398 [Morin et al. ()] , Edgar Morin , Chorar , Paulo . 2012d. SESC/SP.
- 399 [Morin and De La Méthode ()] , Edgar Morin , De La Méthode . 2015b. Paris. Éditions du Seuil
- 400 [Morin and L'île De ()] , Edgar Morin , Luna L'île De . 2017. Paris: Actes Sud.
- 401 [Morin ()] , Edgar Morin . *Poésies du Métropolitain. Paris: Descartes e Cia* 2018.
- 402 [Morin ()] *A cabeça bem-feita. Repensar a reforma, reformar o pensamento*, Edgar Morin . 2000a. Trad. Eloá
- 403 Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil
- 404 [Marx and Engels ()] 'A ideologia Alemã -1º capítulo -seguido das Teses sobre Feuerbach. Tradução de Sílvio
- 405 Donizete Chagas'. Karl ; Marx , Friedrich Engels . *São Paulo: Centauro* 2002. p. 108.
- 406 [Morin ()] *A natureza humana*, Edgar Morin . 1977. Lisboa: Publicações Europa-América. (5ª Ed)
- 407 [Paillard et al.] *A sociologia do presente*, Bernard ; Paillard , Alfredo ; Pena-Vega , Nicole Lapierre . Orgs.
- 408 [Morin ()] *As estrelas: mito e sedução no cinema. Tradução de Luciano Trigo*, Edgar Morin . 1989. (3ª ed. RJ:
- 409 José Olympio)
- 410 [Morin ()] *Commune em France. La Métamorphose de Plozevet*, Edgar Morin . 1967.
- 411 [Morin ()] 'Cultura de massas no século XX -Necrose'. Edgar Morin . Tradução de Agenor Soares Santos. RJ:
- 412 Forense 2006. 2.
- 413 [Morin ()] *Cultura de massas no século XX -Neurose*, Edgar Morin . 2011a. Rio de Janeiro: Forense. 1. (Tradução
- 414 de Maura Ribeiro Sardinha)
- 415 [Morin ()] *Em busca dos fundamentos perdidos. Textos sobre o marxismo. Tradução de Maria Lúcia Rodrigues e*
- 416 *Salma Tannus*, Edgar Morin . 2010c. Porto Alegre; Sulina. (2ª Ed)
- 417 [Morin ()] *Introdução ao pensamento complexo. Tradução Eliane Lisboa*, Edgar Morin . 2011c. Porto Alegre;
- 418 Sulina. (4ª Ed)
- 419 [Morin ()] *Journal d'un livre*, Edgar Morin . 1981. Paris: Edsud.
- 420 [Wotling ()] *Lectures de Nietzsche*, Patrick Wotling . 2000. Paris, LGF.
- 421 [Morin et al. (ed.) ()] *Maio de 68: a brecha*, Edgar ; Morin , Claude ; Lefort , Cornelius Castoriadis . Anderson
- 422 Lima da Silva e Martha Coletto Costa (ed.) 2018. São Paulo: Autonomia Literária.
- 423 [Marx ()] *Manuscritos econômico-filosóficos. Tradução, apresentação e notas Jesus Ranieri*, Karl Marx . 2010.
- 424 São Paulo: Boitempo.
- 425 [Morin ()] *Meus demônios*, Edgar Morin . 2010b. Tradução de Leneide Duarte e Clarice Meireles. 5ª Ed. Rio de
- 426 Janeiro: Bertrand Brasil
- 427 [Morin ()] Edgar Morin . *Editions du Seuil*, (Paris) 1962-1987. 2012f.
- 428 [Morin ()] Edgar Morin . *Editions du Seuil*, (Paris) 1992-2010. 2012g.
- 429 [Reis et al. ()] 'Morin: conferências na cidade do sol -Natal/Brasil'. M K S Reis , F França , Edgar . *Natal:*
- 430 *EDUFRN* 1989 a 2012. 2018.
- 431 [Almeida et al. (eds.) ()] *Método complexo e desafios da pesquisa*, Maria Almeida , Da Conceição , De .
- 432 ALMEIDA, Maria da Conceição de, CARVALHO (eds.) 2012. Edgard de Assis; Porto Alegre; Sulina. (Cultura
- 433 e pensamento complexo)

- 434 [Morin ()] 'O cinema ou o homem imaginário. Ensaio de antropologia sociológica'. Edgar Morin . *Lisboa: Moraes*  
435 *editores*, 1970. (Tradução António Pedro-Vasconcelos)
- 436 [Morin ()] *O Homem e a Morte. Europa-América. Portugal, s/d*, Edgar Morin . 1988.
- 437 [Morin (ed.) ()] *O método 1: a natureza da natureza*, Edgar Morin . Tradução de Ilana Heineberg. 3. ed. Porto  
438 Alegre (ed.) 2013. Sulina.
- 439 [Morin (ed.) ()] *O método 2: a vida da vida. Tradução de Marina Lobo*, Edgar Morin . Simone Ceré e Tânia do  
440 Vale Tschiedel. 5. ed. Porto Alegre (ed.) 2015a. Sulina.
- 441 [Morin (ed.) ()] *O método 3: o conhecimento do conhecimento*, Edgar Morin . Tradução de Juremir Machado da  
442 Silva. 6. ed. Porto Alegre (ed.) 2012a. Sulina.
- 443 [Morin (ed.) ()] *O método 4: as ideias -habitat, vida, costumes, organização*, Edgar Morin . Tradução de Juremir  
444 Machado da Silva. 6. ed. Porto Alegre (ed.) 2011b. Sulina.
- 445 [Morin (ed.) ()] *O método 5: a humanidade da humanidade*, Edgar Morin . Tradução de Juremir Machado da  
446 Silva. 5. ed. Porto Alegre (ed.) 2012b. Sulina.
- 447 [Morin (ed.) ()] *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, Edgar Morin . Trad. Catarina Eleonora F. da  
448 Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez (ed.) 2000b. Brasília: Unesco.
- 449 [Nietzsche ()] 'Para além do bem e do mal. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza'. Friedrich Nietzsche  
450 . *Cia. das Letras*, (São Paulo) 2005.
- 451 [Roggero et al. ()] *Para uma sociologia após "O Método*, Pascal ; Roggero , Alfredo ; Pena-Vega , Nicole Lapierre  
452 . 2008. São Paulo: Cortez. (Edgar Morin em foco)
- 453 [Morin ()] 'Tradução de Maria Gabriela de Bragança e Maria da Conceição Coelho'. Edgar Morin . *Sociologia*  
454 1998. Lisboa: Publicações Europa-América.
- 455 [Morin ()] *Um ano sísifo*, Edgar Morin . 2012e. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco.  
456 São Paulo: SESC/SP
- 457 [Tacussel ()] *Uma virada pós-empirista nas ciências humanas francesas. Revistas Famecos. N. 18. Porto Alegre*,  
458 Patrick Tacussel . 2002.